

Manchete

caderno especial
AUTOMÓVEL 89

EM DESTAQUE

- Vinícius
- Mike Tyson
- Ben Johnson
- Newton Cruz

20 páginas em cores

Nossos repórteres percorrem o país de Gorbachev e mostram a nova revolução russa

POR DENTRO DA PERESTROIKA

KUARUP NO CINEMA

Uma aventura no Xingu

Ipanema vai à selva: o indiozinho e Christine von Niemeyer unidos pela nudez

série
ciência espetacular

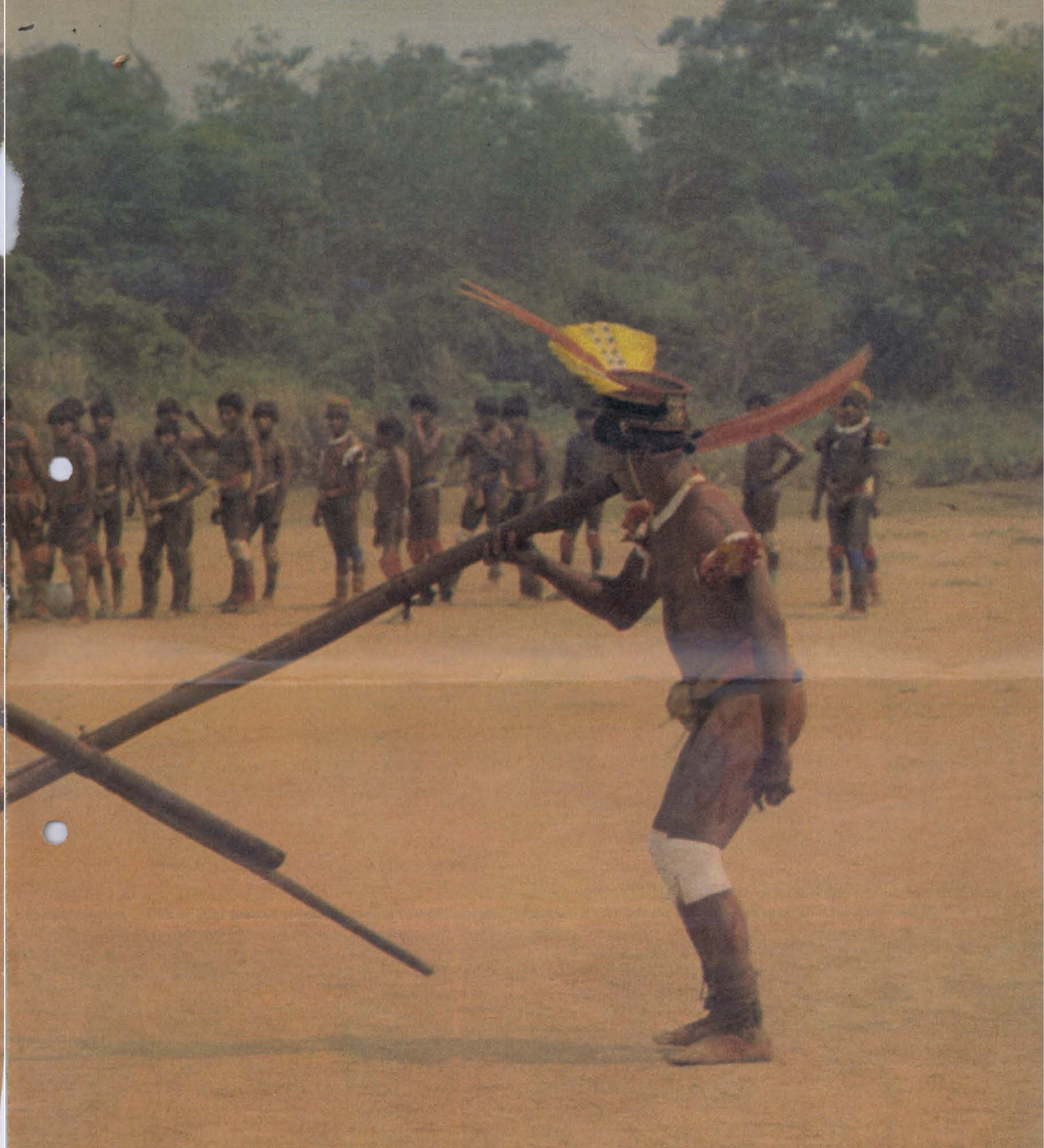
VIAGEM AO INTERIOR DO CORPO HUMANO



Reportagem de Marina Nery ● Fotos de Nilton Ricardo

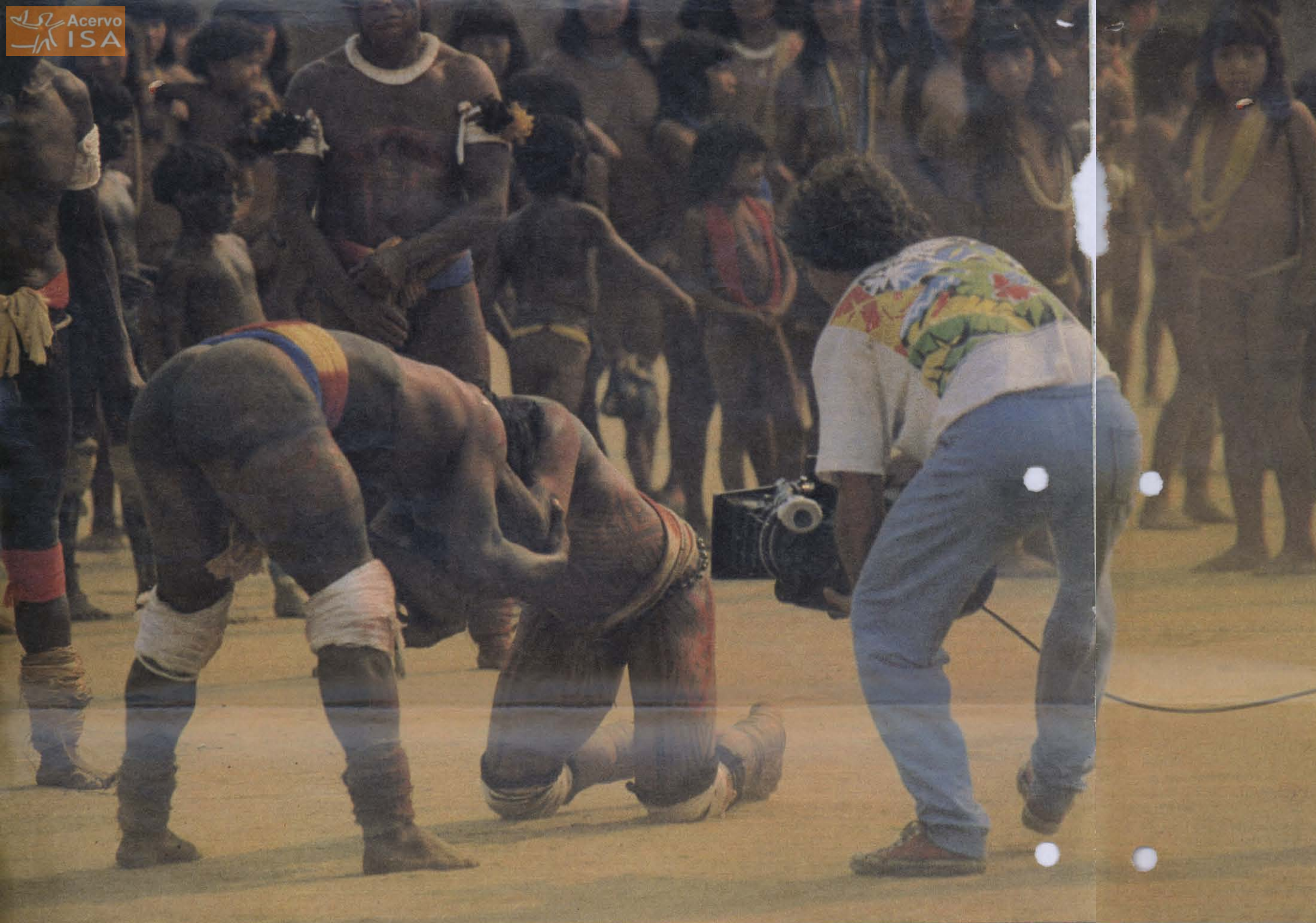
Por quatro meses os índios do Xingu partilharam seu santuário ecológico com a equipe do filme *Kuarup*, dirigido por Ruy Guerra. Nunca antes um filme brasileiro teve tantos índios como atores, dividindo as telas com estrelas como Lucélia Santos, Cláudia Raia, Fernanda Torres, Taumaturgo Ferreira, Cláudia Ohana, entre muitos outros. Depois das locações no Xingu, concluídas no início de outubro, as filmagens continuam até dezembro, no Recife. No ano que vem *Kuarup* (baseado no romance homônimo de Antônio Callado) deve participar do Festival de Cannes. É o que sonham Fernando Bicudo e seus sócios na produtora Grapho, Roberto Fonseca e Paulo Brito, que resolveram investir pesado no cinema nacional — mais de 5 milhões de dólares até agora. Numa aventura digna de *Os Caçadores da Arca Perdida*, atores e técnicos enfrentaram o calor, doenças, insetos, a resistência da Funai e a desconfiança inicial dos índios, mas estão exultantes com a grande experiência humana. MANCHETE foi conferir *in loco* o que os caraíbas andaram aprontando no Xingu e também documentou a cerimônia sagrada do Kuarup.

SEGUE

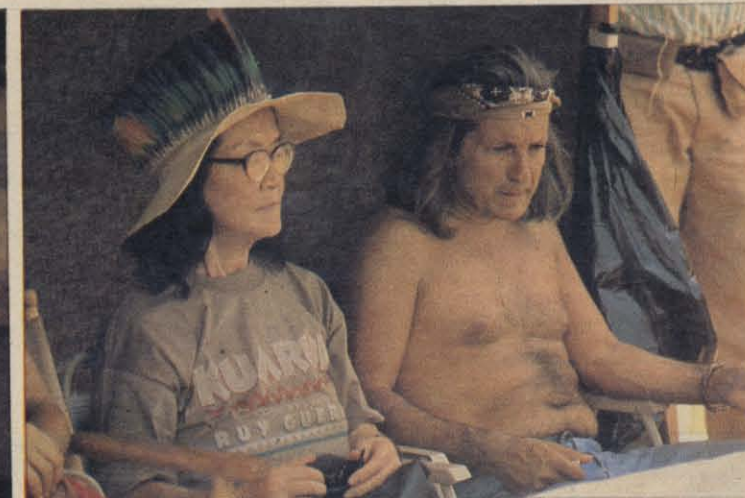
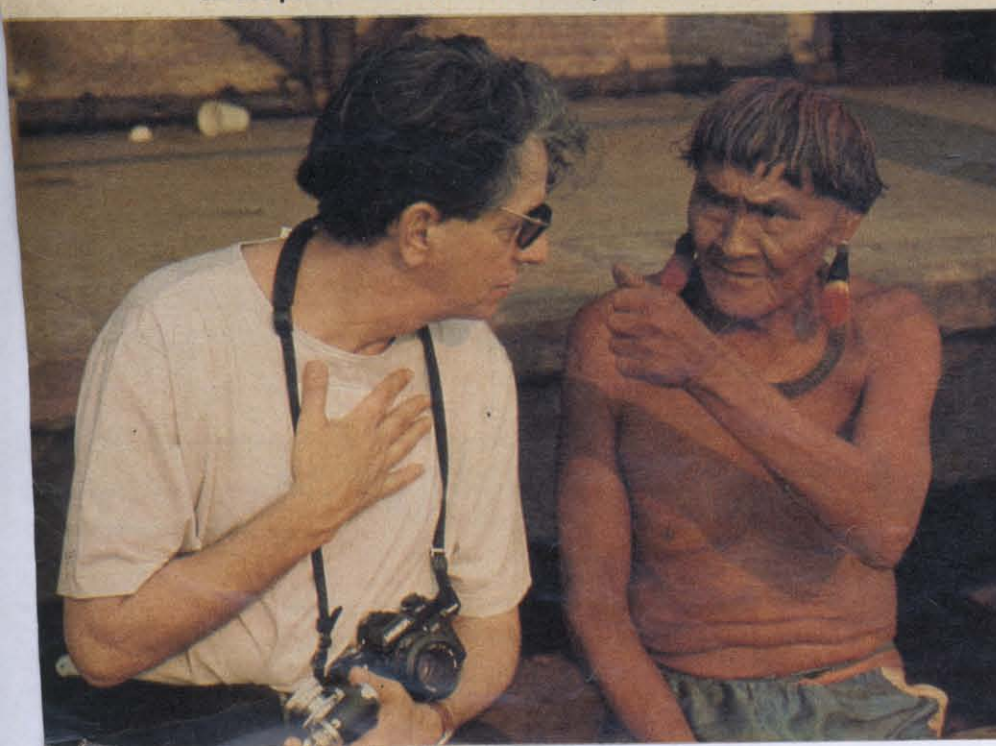


KUARUP, O FILME

Uma aventura no Xingu



Um dos pontos altos da festa do Kuarup é o dia dedicado à *huka-huka*, uma luta entre os maiores guerreiros de cada tribo do Xingu, acompanhada com interesse por toda a aldeia.



“O que que é isso, companheiro?”, pergunta o jornalista Fernando Gabeira ao velho índio. A artista plástica Tomie Ohtake, ao lado de Ruy Guerra, também visitou o Xingu, enquanto Taumaturgo Ferreira faz o personagem principal do filme, o Padre Nando.



Fernando Bicudo e Lucélia Santos entraram logo no clima do Xingu, sem dispensar os adereços e as pinturas indígenas. Quem também se sentiu em casa foi a naturalista Cristine Niemeyer (amiga dos produtores), apesar dos protestos da indiazinha.



UMA SUPERPRODUÇÃO PARA SPIELBERG TUPINIQUIM NENHUM BOTAR DEFEITO

O mundo do cinema se instalou no Xingu com todas as suas armas e bagagens. Em pleno parque, em 70 barracas, atores e equipe técnica tiveram luz elétrica, vasos sanitários, chuveiros de água quente, com direito a lavanderia. No refeitório, os vegetarianos contavam com um cardápio especial. O arsenal técnico não ficava atrás, numa infra-estrutura de dar inveja a qualquer Steven Spielberg tupiniquim: um computador (para organizar os planos de filmagem); um rádio e seis *walkietalkies* (importantes para as cenas com até 300 índios figurantes); um balão de ar quente (para as tomadas aéreas do *making of Kuarup*, o documentário das filmagens); um estúdio pré-fabricado no Rio, com paredes móveis para a entrada de luz; monitoração em vídeo a cores; uma sofisticada lente Cooke 20-60m que vai do *close* à grande-angular e uma grua alemã computadorizada (que aumenta a gama de movimentos, tem memória para a marcação dos atores, sobe quatro metros de altura e pesa cerca de 400kg). Para o transporte deste aparato, seis lanchas, os aviões originais do antigo Correio Aéreo Nacional (também usados nas filmagens), além de uma ponte aérea diária para o Xingu (trazendo os 600kg de comida semanais e o pessoal da equipe).

E é com esta superprodução que o diretor Ruy Guerra começa a concretizar um velho sonho, nascido há 15 anos, quando leu pela primeira vez o romance *Kuarup*, de Antônio Callado. Com o seu inseparável charuto na boca, Ruy vem se dedicando com paixão e paciência às filmagens. Ele seleciona a imagem, através do monitor de vídeo, filmando em *plano-sequência* (uma cena inteira, do *close* ao plano geral, sem cortes). **SEGUIE**



Sem estar no elenco, Débora Bloch (com o ator e índio Macsuara) quis conhecer o Xingu e reencontrar o marido (o fotógrafo Edgar Moura). Mauro Mendonça, que atua no filme, passa sua experiência ao Cacique Aritana.

ACOSTUMADOS ÀS CÂMERAS DOS JORNALISTAS, OS ÍNDIOS SÃO ÓTIMOS ATORES

“Assim, o ator pode manter a mesma linha de interpretação”, reconhece o ator Roberto Bonfim. Mas é preciso paciência para repetir a mesma cena mais de quinze vezes. Um índio comenta baixinho: “Tem que filmar logo, tô esquentando meu cabeça.” O sol escaldante desmancha a maquiagem dos atores e Sérgio Mamberti, com seus 115 quilos, faz os índios caírem na gargalhada com a fala de seu personagem Ramiro: “Que estória é essa de Sônia fugir com índio?”

Os índios, por sinal, são bons atores. Até os figurantes. Ruy, com sotaque português de Moçambique, sugere que fiquem em posição de luta (*huka-huka*): Através de um megafone, o índio Tatapi — um camaiurá colocado como assistente de produção — transmite na língua iaulapiti que o cineasta não quer tanta uniformidade. Um deles, porém, alega que ao lutarem eles vão sair do lugar e Ruy se rende à sabedoria do índio. Não faltam situações divertidas. Depois do ensaio o diretor finalmente grita: “Ação!” Dois segundos depois: “Pára

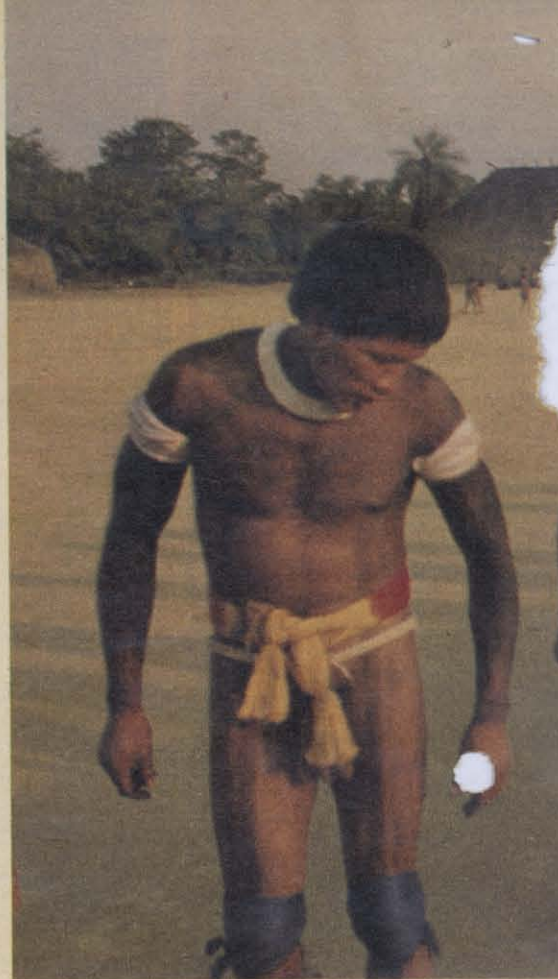
transformando a aldeia num estádio de futebol. “Aritana ganhou! Ele é o fortão”, grita Lucélia Santos, sentada no chão, ao lado de sua amiguinha índia Cachmacalú, que insiste em procurar piolhos na cabeça da atriz. Mais integração impossível. Uma intimidade assegurada por quatro meses de convivência. O produtor Fernando Bicudo é um dos premiados, recebendo de Aritana um colar de caramujo (que vale ouro no Xingu), enquanto membros de equipe se pintam de urucum e até se escarafuncham com dentes de peixe-cachorra — fazendo incisões na pele — bem no clima da festa. Também *rola a cambira* (troca de presentes), em que dez camisas valem uma rede.

“Na verdade, nós é que estamos sendo observados por eles. O cacique Aritana sabe que precisa ver o que o branco tem de bom para ajudar o índio, mesmo correndo o risco da aculturação”, opina Roberto Bonfim. Contudo, durante as filmagens, o que se viu foi um resgate da cultura indígena: eles trocaram os chinelos e calções pelas pinturas e tangas, voltando à época em que Paru, pai de Aritana, conheceu Antônio Callado — em 1954 — virou Canato, personagem do livro. Callado, aliás, esteve no acampamento durante as filmagens e se emocionou ao ser reconhecido pelo velho Paru: “Você, Antônio Callado.”

Agora, quem tem vindo ao Xingu é o filho do escritor, Paulo, assistente de direção de Ruy e uma espécie de relações-públicas com os índios, que conta: “Vamos deixar com os índios quatro lanchas, alguns barcos menores, duas balsas — capazes de carregar um caminhão, cada uma —, duas *pick-ups*, a bomba d’água e o gerador elétrico.” O cacique Aritana confirma, contente: “Assim poderemos atender a uma emergência, o Posto Leonardo (da Funai) está abandonado, a enfermeira não tem água nem para fazer um curativo.” A produção aproveita também para rebater algumas críticas da Funai e lembra que a cerca levantada em torno do acampamento tinha seus motivos. Já que no início sumiram alguns objetos da equipe. Mas a relação com os índios foi sempre muito positiva. Além do material que está sendo doado, eles também foram pagos por suas participações com salários para trabalhador caraíba nenhum botar defeito: os cinco atores índios receberam Cz\$ 30.000,00 por dia, os figurantes com falas, Cz\$ 8.400,00 e os sem falas, Cz\$ 3.200,00.

Segundo Fernando Bicudo, a ajuda aos índios é decisiva: “Protegendo os índios, estamos nos protegendo. Porque conhecemos muito de civilização, mas pouco de natureza.” Ele e os sócios na produtora Grapho pretendem agora criar a Fundação Kuarup, como explica Roberto Fonseca: “Procuraríamos doações dos bancos credores do Brasil. Eles descontariam em seus países, uma parcela da dívida, convertida em ajuda à natureza. Afinal, a floresta só existe por causa dos índios, senão já teria se transformado numa grande fazenda.” Bicudo completa: “E tem uma novidade nessa fundação: um conselho de caciques, com quem vamos dialogar e ver o que é preciso.”

Não só o parque está abandonado. As queimadas deixam o céu nublado constantemente na Amazônia, numa estratégia de alguns fazendeiros para alegar que as terras estão sendo usadas e, assim, escapar da reforma agrária. A fumaça é tanta, que nossa equipe não pôde voltar de avião. A saída foi descer o rio Xingu — oito horas de lancha — mais três horas de *pick-up* e chegar, finalmente, em Canarana, Mato Grosso, para pegar um avião até Brasília.



Em fila, os índios dançam para iniciar a *huka-huka*. O contato físico é fundamental no convívio e na comunicação entre os índios, que, sem preconceitos, costumam andar de mãos dadas.

Dificuldades não faltaram nas filmagens. Para o assistente de produção João Carlos Cattroli, conhecido como Johnny, este é o filme mais *barra pesada* dos 18 que já participou. E apesar da equipe ter sido vacinada contra febre amarela, febre tifóide e tétano, alguns não escaparam da malária, nem das muitas picadas de inseto. Cláudia Raia, por exemplo, foi picada por uma abelha assanhada. Mas, justiça seja feita: sobrou também eficiência e união na equipe. O ponto de encontro foi a barraca de Sérgio Mamberti, o lugar mais animado do Xingu, enquanto os banhos no rio Tuaturri beira do acampamento, garantiram uma *corzinha* indígena. Todo mundo *malhou*, garante o



Além do inseparável charuto, durante as filmagens o diretor Ruy Guerra incorporou também um cocar ao seu visual.

espírituoso Mamberti: “Aqui é o SPA Xingu: emagrece só de andar 1.500 metros nas repetições das cenas. Mesmo não sendo um aficionado por mato, são 115 quilos bem vividos no Xingu.”

Não é à toa que o sonho do personagem principal de Callado, o Padre Nando (na pele de Taumaturgo Ferreira), é ir ao Xingu. Apaixonado por Francisca (Fernanda Torres), ele vai ao Rio conseguir uma autorização do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) para ir ao Parque. No SPI (órgão substituído nos anos 60 pela Funai), conhece Raimundo (Mamberti), apaixonado por Sônia (Cláudia Raia, que Ruy definiu com uma nova Leila Diniz). Até chegar ao Xingu, no avião do piloto Olavo (Bonfim), Nando tem um romance com Lídia (Lucélia), uma militante comunista, e outro com Vanda (Cláudia Ohana), sobrinha de Ramiro. O que *rola* neste imbróglia amoroso em meio aos índios, só as telas dirão. Ainda entre os atores, o índio kadiweu Macsuara, conselheiro das nações indígenas, que já tinha experiência nas telas — em *Avaeté*, de Zelito Viana. Ele vive agora o Anta, que foge com Sônia (Cláudia Raia), e explica por que os índios do Xingu sabem representar tão bem: “Eles foram criados diante das câmeras. Se não é um jornalista brasileiro, é um turista inglês ou um cientista alemão.” Além disso, a televisão já chegou e o cacique Aritana tem até um videocassete em sua maloca. Na verdade, hoje em dia a maioria dos índios anda vestida, com relógios no pulso e enormes radiogravadores colados no ouvido.

Depois de quatro meses de convivência, os dois lados saíram ganhando. Os índios entraram em contato com muitas novidades, mas nem por isso deixaram de plantar e pescar. Eles sabem que os caraíbas vão embora. Nós, revigorados por este banho de natureza, desemos o rio dando adeus ao Xingu, torcendo para que as queimadas não destruam tudo e nos deixem voltar algum dia.



Para a realização de um *Making of Kuarup* — um documentário sobre as filmagens — a produção providenciou um balão de ar quente, utilizado nas tomadas aéreas. O que não alterou o cotidiano da aldeia.



O tronco ornamentado simboliza os mortos reverenciados pela cerimônia do Kuarup.

tudo!” Faltava um índio retardatário que tinha ido fazer xixi e não estava sendo enquadrado pelo diretor de fotografia Edgar Moura — também *maridão* de Débora Bloch, que não está no elenco, mas deu um pulinho ao Xingu para acompanhar um pouco do filme.

A festa do Kuarup, consagrada aos mortos ilustres, com uma noite de lamentações ao som da flauta uruá e um dia reservado ao *huka-huka* entre as tribos, não deixou de acontecer este ano. Mas desta vez ficou restrita aos iaulapitis e aos cuicuros — que trouxeram arroz com rapadura e biju com açúcar de presente. Na torcida os artistas e a equipe de produção,